

DEPORTAÇÕES DE CHECHENOS E INGUCHES DEPOIS DA BATALHA DO CÁUCASO (1944)

Marllon Motta da Rocha¹

Elitza Lubenova Bachvarova²

Alexander Zhebit³

RESUMO

Em fevereiro de 1944, órgãos governamentais soviéticos determinaram a transladação de, aproximadamente, quinhentas mil pessoas de nacionalidades chechena e inguche para repúblicas soviéticas na Ásia Central, principalmente para o Cazaquistão, e também para a Sibéria, sob a acusação de colaboracionismo com os invasores alemães antes e durante a Batalha do Cáucaso, no front oriental da Segunda Guerra Mundial. Influenciados pelo irredentismo e pela aspiração de retomar a independência que havia na região antes da incorporação dos territórios do Cáucaso do Norte pelo Império Russo na Guerra do Cáucaso do século XIX, grupos de chechenos e inguches, dos quais a maioria era formada por prisioneiros soviéticos de guerra do Wehrmacht, entraram na luta pelo lado alemão contra o Exército Vermelho. A tragédia da deportação forçada de uma população inteira dos cidadãos da Checheno-Inguchétia penalizou e condenou ao ostracismo social os povos vainakh da República Autônoma Socialista Soviética da Chechênia-Inguchétia. O artigo investiga o cenário pré-deportação e as possíveis motivações à ação, assim como as consequências para os vainakhs da “Operação Lentilha” (1944).

Palavras-Chave: Deportações; Chechênia-Inguchétia; URSS; Batalha do Cáucaso; Segunda Guerra Mundial.

1. Graduando em Relações Internacionais pela UFRJ, aluno de iniciação científica do Laboratório de Estudos dos Países do Cáucaso em 2018, e-mail: mr.motta.mm@gmail.com

2. Orientadora, Professora adjunta, Doutora em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, e-mail: elitzaib@gmail.com

3. Coorientador, Professor associado, Doutor em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, e-mail: alex@cfch.ufrj.br

ABSTRACT

In February 1944, Soviet government agencies ordered the deportation of approximately five hundred thousand Chechen and Ingush nationals to Soviet republics in Central Asia, mainly to Kazakhstan, and also to Siberia, on charges of collaboration with the German invaders, before and during the Battle of the Caucasus, on the eastern front of World War II. Influenced by irredentism and the aspiration to regain the region's independence as before the incorporation of the Northern Caucasus territories by the Russian Empire in the Caucasian War of the nineteenth century, groups of Chechens and Ingushes, many of whom were Soviet war prisoners of the Wehrmacht, entered the fight on the German side against the Red Army. The forced deportation of an entire population of Chechen-Ingushes citizens was a tragedy penalizing and ostracizing the vainakh peoples of the Chechen-Ingush Soviet Autonomous Socialist Republic. The article investigates the pre-deportation scenario and the possible motivations for the action, as well as the consequences of the 1944 "Operation Lentil" for the vainakhs.

Keywords: Deportations; Chechnya-Ingushetia; USSR; Battle for the Caucasus; Second World War.

1 - Introdução

A região do Cáucaso do Norte é povoada por uma população composta por diversas nacionalidades, de multiplicidade linguística e distintas crenças religiosas, que consiste em clãs com determinado grau de parentesco que compartilham um passado comum. Estes povos dispuseram, ao longo da história, de um arranjo social estruturado a partir da proximidade cultural e linguística, assim como da relação social entre os povos das montanhas. (ANCHABADZE, 2001, p.5).

Durante séculos, os habitantes do Cáucaso do Norte enfrentaram constantes lutas pela emancipação do seu povo. Contrários, portanto, às tentativas de expansão do Império Russo para a Ciscaucásia. Desde o século XVII, com Pedro I, "O Grande", a Rússia procurava obter

uma saída para o Mar de Azov. (JAIMOUKHA, 2005, p. 38-39).

“O imperialismo clássico do Império da Rússia conformava-se com as práticas das conquistas, divisões e partilhas territoriais dos tempos da rivalidade com os impérios tártaro-mongol e otomano, da colonização das imensidões siberianas e do Extremo Oriente, sendo uma expansão natural do imperialismo regional da época. Como o máximo interesse da política russa nos séculos XVIII e XIX residia em abertura aos mares “quentes” dos quais a Rússia foi separada pelo Império Otomano e a Pérsia, a Guerra do Cáucaso ... se situava dentro do padrão das conquistas europeias e levantinas” (JEBIT, 1995, p. 116)

Entre o final do século XVIII e começo do século XIX, o Império Russo expandiu para o Cáucaso, sobretudo, para a Transcaucásia, celebrando a união com o reino de Kartli-Kakheti, com base no Tratado de Georgievsk (1783), estabelecendo o protetorado sobre o canado da Criméia (1783), conquistando territórios sob o domínio da Pérsia, durante as guerra russo-persas de 1804-1812 e de 1826-1828, acordados nos Tratados de Gulistão (1813) e de Turkmenchay (1828). Com isso, a Rússia conseguiu afastar o Império Otomano e a Pérsia do Cáucaso, enquanto seu domínio na região aumentou. No entanto, a região da Ciscaucásia, ou o Cáucaso do Norte, onde se deflagrou a guerra entre 1817 e 1864, ficou na retaguarda da expansão caucasiana do Império Russo. Portanto, a Guerra do Cáucaso, perdeu a sua conotação expansionista e adquiriu uma dimensão meramente estratégica, devido a estas mudanças no cenário geopolítico (JEBIT, 1995, p. 125)

Ao passo que o Império Russo avançava sobre o Cáucaso do Norte, havia o fortalecimento de uma resistência na região. Na figura da aliança muçulmana sufi, percebe-se a oposição dos povos das montanhas ao subjugo imperialista na luta entre conquistadores e conquistados. O sufismo, deste modo, caracteriza-se como um movimento da massa popular

que organiza seus adeptos em torno de um mestre e regras compulsórias, que regula seus modos de vida. (ZELKINA, 1993, p.117). A influência de sufismo, trazido da Ásia Central para o Cáucaso do Norte, sobre a resistência dos montanhesees à colonização russa, deu-se em forma de “muridismo”, baseado na prática de ascetismo e misticismo (tarikát) (POKROVSKY, 1991, p. 206-207) e de guerra santa contra os infiéis (kasavat) (Ibid., p. 209-210). Com o estabelecimento do muridismo no Cáucaso do Norte, este modo de organização passou a influenciar diretamente o aspecto social e político na área. A prática da fé muçulmana no Cáucaso do Norte ajudou a promover o sentido de destino comum e reconhecimento mútuo, entre os distintos povos, na resistência contra a Rússia na Guerra do Cáucaso (POKROVSKY, 1991, p. 207).

A Guerra do Cáucaso teve início em 1817. Sendo um conflito travado entre o Império Russo e vários povos do Cáucaso do Norte (principalmente, circassianos, abecazes, chechenos, inguches e daguestaneses, além de lasos, adjares, cabarda), foi o corolário da investida russa pela dominação do Cáucaso e pela supressão da resistência dos povos ciscaucasianos. A região ambicionada era espremida entre os vales do Don e do Kuban, povoados pelos russos, e as cordilheiras transcaucasianas, atrás das quais estavam os reinos de Kartli-Kakheti (1801), Mingrêlia (1803), Imerêtia e Gúria (1804), unificados com a Rússia, e os canados de Karabakh, Gandja, Shekeen, Shirvan, Derbend, Kouba, Baku, Talish e a fortaleza de Lenkoran, conquistados da Pérsia (1813). Portanto, a incorporação do Cáucaso do Norte possuía um significado estratégico no enfrentamento do Império Russo com o Império Otomano e a Pérsia (KLIUCHEVSKY, LXXXII)

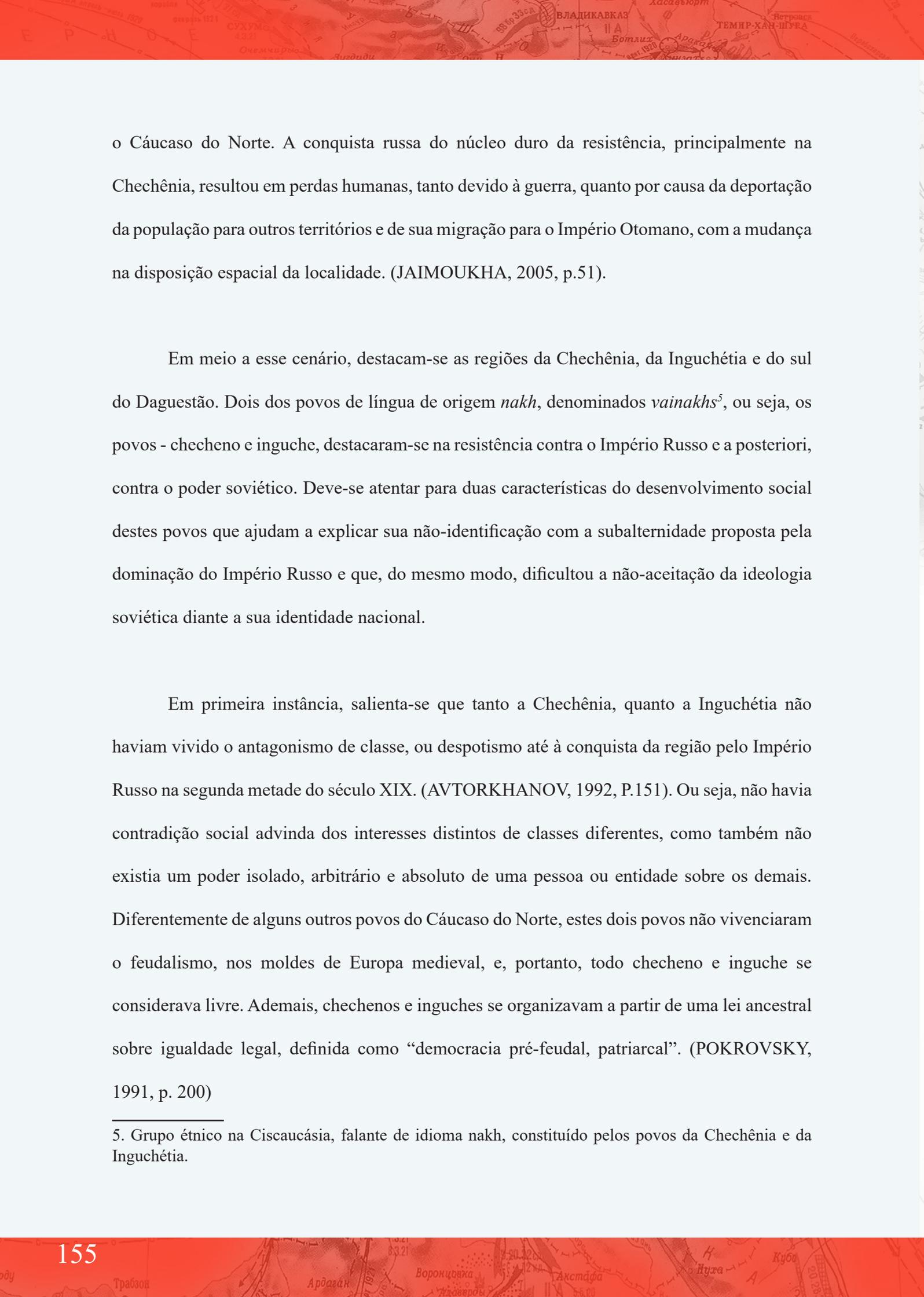
Embora haja também periodização mais detalhada, a guerra se divide, grosso modo, em

três períodos: o primeiro deles data do início do conflito, em 1817, até a morte do imperador da Rússia Alexandre I, em 1825. O período é marcado pelo recrudescimento da resistência dos povos montanhesees à colonização russa e à construção de fortalezas e de fortificações, respondida pelas ações punitivas contra a guerrilha e revoltas esporádicas dos povos ciscaucasianos. O segundo momento, de 1825 a 1834, é um período de fortalecimento do movimento de resistência, que se manifesta na fundação do *imamat*⁴, e de sua concentração na região povoada pelos vainakhs - Chechênia, Inguchétia, sul do Daguestão. Isto se dá em razão de outras duas guerras que o Império Russo enfrentava: a Guerra Russo-Persa (1826-1828) e a Guerra Russo-Turca (1828-1829). Por fim, o terceiro momento data de 1834 a 1859. Durante este tempo, trava-se uma guerra intensa entre os vainakhs e as tropas da Rússia, encolhendo-se, em seguida, para uma guerra de guerrilha na Ciscaucásia que dura até 1864.

É importante ressaltar a figura de Imam Shamil, líder carismático e de expressiva capacidade em coordenar a resistência no Cáucaso do Norte contra o Império Russo, entre 1834 até sua captura, em 1859. Imam Shamil descendeu de uma família tradicional vainakh, conhecida pela religiosidade e pela participação na resistência contra a colonização russa. Ele sucedeu à liderança da resistência no Cáucaso do Norte após a morte de Hamza Bek. Ao declarar *kasavat* ao Império Russo, ele dirigiu o *imamat*, liderou a guerra e contribuiu para o fortalecimento da influência do Islã nos territórios visados pela conquista. Em 26 de agosto de 1859 Shamil foi rendido, levado à Rússia, onde viveu exilado, emigrando, em seguida, para a Arábia Saudita, onde morreu em 1871, em Medina.

A guerra, propriamente dita, tem seu fim em junho de 1864, com a rendição de todo

4. Imamat, um estado islâmico teocrático. Existia no Cáucaso do Norte entre 1828 e 1859.



o Cáucaso do Norte. A conquista russa do núcleo duro da resistência, principalmente na Chechênia, resultou em perdas humanas, tanto devido à guerra, quanto por causa da deportação da população para outros territórios e de sua migração para o Império Otomano, com a mudança na disposição espacial da localidade. (JAIMOUKHA, 2005, p.51).

Em meio a esse cenário, destacam-se as regiões da Chechênia, da Inguchétia e do sul do Daguestão. Dois dos povos de língua de origem *nakh*, denominados *vainakhs*⁵, ou seja, os povos - checheno e inguche, destacaram-se na resistência contra o Império Russo e a posteriori, contra o poder soviético. Deve-se atentar para duas características do desenvolvimento social destes povos que ajudam a explicar sua não-identificação com a subalternidade proposta pela dominação do Império Russo e que, do mesmo modo, dificultou a não-aceitação da ideologia soviética diante a sua identidade nacional.

Em primeira instância, salienta-se que tanto a Chechênia, quanto a Inguchétia não haviam vivido o antagonismo de classe, ou despotismo até à conquista da região pelo Império Russo na segunda metade do século XIX. (AVTORKHANOV, 1992, P.151). Ou seja, não havia contradição social advinda dos interesses distintos de classes diferentes, como também não existia um poder isolado, arbitrário e absoluto de uma pessoa ou entidade sobre os demais. Diferentemente de alguns outros povos do Cáucaso do Norte, estes dois povos não vivenciaram o feudalismo, nos moldes de Europa medieval, e, portanto, todo checheno e inguche se considerava livre. Ademais, chechenos e inguches se organizavam a partir de uma lei ancestral sobre igualdade legal, definida como “democracia pré-feudal, patriarcal”. (POKROVSKY, 1991, p. 200)

5. Grupo étnico na Ciscaucásia, falante de idioma *nakh*, constituído pelos povos da Chechênia e da Inguchétia.

Em segundo lugar, chechenos e inguches têm sua cultura desenvolvida, desde o século XVII, com base nos escritos árabes, que facilitavam a consolidação da fé muçulmana. Deste modo, ataques ao Islã representariam represálias contra os referidos povos. (AVTORKHANOV, 1992, p.152; ZELKINA, 1993, p.116). Depreende-se que, à vista disto, qualquer sistema político antirreligioso corresponderia a uma afronta ao povo vainakh da Chechênia e Inguchêtia. O que aumentaria a relação dispar entre dominadores e dominados. Segundo Pokrovsky, inclusive a difusão do Islão entre chechenos foi estimulada pela luta incessante com os russos. (POKROVSKY, 1991, p. 196)

Outra questão que surge, em relação ao domínio sobre o Cáucaso, diz respeito aos recursos naturais disponíveis na região. A região comporta fauna e flora peculiares, riqueza de rios e lagos, recursos significativos do petróleo, como também gás natural. (ANCHABADZE, 2001, p.15-16). Durante o boom de petróleo na década de 1860 e um salto rápido da industrialização, a região passou por transformações socioeconômicas importantes. Com o estabelecimento de vilas russas na região de Grozny, houve a expropriação de terras da parte da população vainakh. Para distanciar a população local de suas terras e evitar o aumento da população de rua, foi acordado com a Turquia e o Irã o traslado dessas pessoas. O contingente dos expropriados tornou-se uma parte significativa da mão de obra da crescente indústria de petróleo na região. Seriam, mais tarde, estas pessoas a instigar revoltas na Chechênia. (KHIZRIYEVA, 2009, p.204 - 205). Logo, o domínio russo sobre a área representava um domínio energético não apenas no Cáucaso, mas também na Europa Central (Ibidem).

2- A Revolução Russa e a Sovietização do Cáucaso



Participante do conflito da Primeira Guerra Mundial pelo lado da Entente, o Império Russo se retirou da guerra em 1917 em virtude da revolução que enfrentava internamente. A Revolução Russa de 1917 derrubou o regime czarista, estabeleceu o poder dos Sovietes. Ao estruturar o novo sistema de governo, o governo bolchevique promulgou a Declaração dos Direitos dos Povos da Rússia, que previa a igualdade soberana entre eles, o direito à secessão e à criação de Estados independentes que representassem seus povos, a abolição de quaisquer privilégios de um povo em relação a outro, o desenvolvimento livre de minorias nacionais e de etnias, prevendo-se a constituição futura da “união honesta e sólida dos povos da Rússia” (DECLARATION, 1917).

Em consequência do início do desmembramento da Rússia, depois da conclusão da Paz de Brest (1918), surgiram entidades político-territoriais independentes em todo o território do antigo império russo, instalando-se um estado civil anárquico e deflagrando-se uma guerra civil na Rússia. Em meio a esta conjuntura, foi proclamada, em 11 de maio de 1918, a República Soviética do Cáucaso do Norte, constituída por Repúblicas de Kuban-Mar Negro, de Stavropol e do Têrek, que aderiu à República Soviética da Federação Russa. Apoiada pela Turquia, que invadiu o Cáucaso, a república extinguiu-se em dezembro de 1918, logo após a retirada da Turquia do Cáucaso no fim da Primeira Guerra Mundial. Houve uma breve existência da república dos cossacos e dos montanheses do Daguestão, entre os meses de maio e de outubro de 1917. Os povos vainakhs nestas entidades político-territoriais continuavam apoiando os soviets bolcheviques, por causa da proteção que a Federação da Rússia assegurava para eles contra as investidas dos cossacos do Têrek. Houve entre eles quem preferisse viver de acordo com as leis ancestrais, defendendo-se contra todos e quaisquer invasores. Em junho de 1918 foi instalada uma nova república dos povos montanheses (Górskaia), reunindo cossacos

e daguestaneses, que iniciou hostilidades contra os bolcheviques e os vainakhs do Norte do Cáucaso e do sul do Daguestão. Em dezembro de 1918, ao terem sido derrotado pelos vainakhs, os cossacos do Têrek receberam o apoio do exército anti-bolchevique do Sul da Rússia, sob o comando do general Denikin, um dos líderes do movimento “branco”⁶.

Em junho de 1919 foi estabelecido o Emirado islâmico do Cáucaso do Norte sob a liderança do Sheik Uzun Haji, com a capital em Veden, abrangendo os territórios, povoados por vainakhs, que apoiaram forças bolcheviques na luta contra os “brancos” e os cossacos.

A princípio, notava-se uma afinidade entre os montanheses e o movimento branco, visto o sentimento compartilhado de antibolchevismo. (JAIMOUKHA, 2005, p.54) Contudo, ao passo que o exército de Denikin avançava sobre a região em 1919, o povo vainakh se unia em uma resistência em razão da divergência de interesses. O movimento “branco” buscava a restauração do Império Russo e a reincorporação de todas as ex-províncias russas, em oposição ao povo vainakh, que almejava liberdade e autonomia. (JAIMOUKHA, 2005, p.54). Liderado pelo Sheik Uzun Haji, que ganhou o título de *mufi*⁷ do Cáucaso do Norte, o Emirado do Norte Cáucaso, com apoio dos bolcheviques, conseguiu expulsar os “brancos” da região, o fato considerado simbólico, como o início da aniquilação do movimento “branco” na guerra civil. Consequentemente, a existência do Emirado não se constituía no objetivo nem dos “brancos”, nem do governo bolchevique. (Ibid., p. 55-56). Em abril de 1920, o Norte do Cáucaso foi tomado pelo Exército Vermelho e em seguida o Emirado foi extinto, devido à recusa de o Sheik

6. O movimento militar dos “brancos”, constituído pelas camadas da população, adeptas seja à restauração de monarquia em todo o território do ex-Império Russo, seja à democracia liberal, foi uma frente de oposição ao poder bolchevique e de luta contra o Estado soviético durante a guerra civil russa (1918-1922).

7. Acadêmico islâmico a quem é reconhecida a capacidade de interpretar as leis do Alcorão.



Uzun Haji de aceitar voluntariamente o regime soviético.

Com o fim do Emirado do Cáucaso do Norte, Ióssif Stalin, o então comissário do povo para as nacionalidades, nomeou seu representante à região da Ciscaucásia, a fim de reconhecer soberanias e a independência da região, recomendando a criação da república soviética Górskaia. Em janeiro de 1921 foi estabelecida no Cáucaso do Norte a República soviética socialista autônoma dos montanhese (Górskaia), que reuniu Cabardá, Balcária, Chechênia, Inguchétia, Carachai-Circássia e Ossêtia. O processo de sovietação da área foi condicionado pelo povo vainakh sob premissas de não interferência do governo central nos assuntos internos, da devolução de terras tomadas durante o czarismo e da adoção de constituição, baseada na Sharia.

O período de sovietação (1921-1928) se deu, em certa medida, de maneira harmoniosa e de forma a passar a ideia de autodeterminação dos povos. Contudo, evidencia-se que os líderes da república soviética Górskaia eram inclinados aos ideais bolcheviques. Foi um modo de influenciar nos assuntos internos dos povos do Cáucaso do Norte, a partir da aproximação [de Moscou] com a elite local. (AVTORKHANOV, 1992, p.154 -156). Em 1924, no entanto, a república foi dissolvida, dando lugar a seis regiões autônomas. Após esta mudança, o governo soviético decretou o desarmamento dos povos do Cáucaso, ante o argumento da não necessidade de um povo ser armado em tempos de paz (AVTORKHANOV, 1992, p.156), encarregando-se de assegurar a defesa dos povos montanhese.

Paralelo a esses eventos, na Inguchétia, em 1926, surgiu uma insurreição em razão dos inguches não terem suas demandas atendidas, bem como após a troca do líder local por

Chernoglaz, um dirigente russo de Moscou. Com a entrada de Chernoglaz na administração da Inguchétia, repressões contra revoltosos, visando a religião muçulmana, aumentaram substantivamente. O estopim para a revolta foi o requerimento do chefe regional da GPU⁸, Ivanov, para transformar uma mesquita em silo. Depois de desentendimento entre os locais e Ivanov, ele foi morto. Em resposta à ação, cinco inguches foram executados, dentre eles seu mulá⁹. Além disso, trinta pessoas foram deportadas para a Sibéria, acusados de fazerem parte da ‘força contra-revolucionária’. (AVTORKHANOV, 1992, p.162 - p.163). Em 1930 o próprio Chernoglaz foi assassinado por decapitação, sem que a cabeça fosse encontrada. Em 1931, sob nova acusação de arquitetura de um motim anti-soviético, a Inguchétia foi tomada por tropas da GPU, tendo quatrocentas pessoas deportadas para a Sibéria, vinte e um mortos e dezenas de presos. (AVTORKHANOV, 1992, p.163).

Ainda no final da década de 1929, o comitê central do partido bolchevique da URSS e outros órgãos soviéticos decidiram que o Cáucaso do Norte seria a primeira região soviética a passar pela coletivização agrícola. Isto é, camponeses mais ricos seriam desapropriados, pela acusação de serem *kulaks*¹⁰, e depois seriam deportados. Suas terras, então, seriam transferidas para comunas de produção rural. (AVTORKHANOV, 1992, p.157). Entretanto, a coletivização causou revolta em diversas regiões da Ciscaucásia, principalmente na Chechênia, onde o povo se rebelou contra o governo central, reivindicando autonomia de governo, exigindo que nacionais chechenos constituíssem o governo. As demandas do povo do Cáucaso do Norte não foram atendidas e líderes do movimento de oposição começaram a ser presos (Ibidem).

8. GPU - Direção Política Estatal, um serviço de inteligência e polícia secreta soviética.

9. Título dado aos clérigos muçulmanos, doutores da lei islâmica.

10. Kulak, termo, usado no período soviético, para se referir a camponeses mais ricos que possuíam extensas fazendas e faziam uso do trabalho assalariado.



Em novembro de 1929, as forças soviéticas começaram a enfrentar resistência do povo montanhês, enquanto recorreram às medidas de desarmamento da população. Em março de 1930, o Exército Vermelho, apoiado pelas repúblicas transcaucasianas, começou uma operação militar para suprimir rebeliões. Os líderes insurgentes foram presos e em seguida deportados para fora da região. Em 1931 foi executado Shita Istamulov, um dos líderes da insurreição de 1929, o que provocou mais manifestações antissoviéticas dos vainakhs. Porém, as rebeliões foram dominadas completamente em 1932. Estima-se que até 1935, trinta e cinco mil pessoas tinham sido presas, a maioria deles, chechenos. (AVTORKHANOV, 1992, p.159-161).

3 - Pré-deportações

Em 1932 representantes de chechenos e de inguches transmitiram ao governo central suas reivindicações sobre as violações incorridas pelos soviéticos na região, obtendo como resultado uma relativa diminuição de repressões. Percebeu-se um momento de relativa paz entre 1935 e 1937. (AVTORKHANOV, 1992, p.171 - p.172).

Com a nova constituição soviética de 1936, estabeleceu-se a República Autônoma Socialista Soviética de Checheno-Inguchétia. O que foi recebido, em um primeiro momento, com certo entusiasmo e esperança pelo fim das arbitrariedades do NKDV na região. (AVTORKHANOV, 1992, p.174). Contudo, de 31 de julho a 1 de agosto de 1937, uma nova operação militar foi executada em Chechênia-Inguchétia, a fim de prender pessoas, que ataçavam a propaganda antissoviética. As prisões e execuções de líderes civis aconteciam em grande escala. Em reação às prisões e assassinatos, chechenos e inguches ingressaram em guerrilha contra o NKDV, que foi eliminada em 1938. Os guerrilheiros presos afirmavam que



suas declarações de culpado e de ter apoio da Inglaterra para a insurreição, eram feitas em virtude de torturas. (AVTORKHANOV, 1992, p.175 - p.178).

Com o começo da Segunda Guerra Mundial, chechenos e inguches, que não eram obrigados a servir no exército, foram dispensados e proibidos de serem mobilizados, muito em razão de suas restrições religiosas e culturais. Contudo, algumas formações, constituídas majoritariamente por chechenos e inguches, foram rendidas logo no início da agressão da Alemanha contra a União Soviética em 1941, bem como em 1942, durante a ofensiva alemã no Cáucaso. Consequentemente, os vainakhs foram culpabilizados pelo comando soviético, de se terem rendido sem resistência durante ofensivas alemãs.

A fim de atrair povos montanhese do Cáucaso para servir em Wehrmacht, foi atribuído a eles pela Alemanha o status de “aliados iguais em direitos, combatendo, ombro a ombro com soldados alemães contra bolchevismo” (DROBIAZKO, 2000, p. 6). Sendo prisioneiros de guerra e mobilizados forçosamente nas “legiões voluntárias”, eles queriam preservar a vida e em grande parte desertavam para o exército soviético (Ibidem).

Os movimentos insurgentes no Cáucaso do Norte ganharam expressividade durante a Segunda Guerra Mundial, entre 1940 e 1944. Ainda antes da invasão do Cáucaso do Norte, a Alemanha conduzia uma propaganda nacionalista, incitando rebeliões contra o poder soviético, infiltrando espiões e provocadores nas formações militares, constituídas pelos soldados de determinada origem étnica, enviando grupos de paraquedistas com o objetivo de sabotagem, sobretudo, a partir de 1942, quando as tropas soviéticas começaram a recuar para o interior do Cáucaso.



Apropaganda nazista declarava que ajudaria os vainakhs a reconhecer sua independência. No entanto, os nazistas cobiçavam o domínio da região, com o fim de ter acesso ao petróleo caucasiano, e este objetivo foi incompatível com a resistência antissoviética de vainakhs. Ademais, vale salientar que os alemães não conseguiram penetrar no território checheno-inguiche. Ou seja, as afirmações de colaboracionismo dos vainakhs com alemães foram baseadas em fatos de sua rendição aos alemães e de seu recrutamento nas unidades militares alemães, assim como em especulações na propaganda nazista acerca da aliança da Alemanha com os povos caucasianos, mas não na colaboração da população residente nas áreas dos vainakhs, que nunca foram ocupadas pelos alemães. Contudo, à medida que durante a Batalha do Cáucaso (1942-1943) a importância estratégica do Cáucaso adquiriu novas dimensões, o padrão de deportações mudou de escala. O povo vainakh não sabia que algum tempo depois de o Exército Soviético expulsar os alemães do Cáucaso do Norte, os povos inteiros de chechenos e os inguches seriam vítimas de deportação em massa.

4 – Deportação de 1944

No dia 23 de fevereiro de 1944, estima-se que aproximadamente 500 mil pessoas de nacionalidades chechena e inguche tenham sido deportadas pelo governo soviético, no que ficou conhecido como “Operação Lentilha”. Em 1943, com o Cáucaso do Norte livre da ocupação alemã, era cada vez mais frequente a difusão da ideia de culpa checheno-inguiche por colaboracionismo com os nazistas. Além disso, percebeu-se a tentativa de caracterizar chechenos e inguches como um povo violento e arredo. Veicularam-se, com certa frequência, informações sobre assassinatos cometidos pelas suas guerrilhas vainakhs, o que ajudou no convencimento dos civis de outras nacionalidades e etnias sobre o perigo vainakh (AVTORKHANOV, 1992,

p.184 - p.185).

Então, em 23 de fevereiro de 1944, tropas do NKDV chegaram à região sob o pretexto de organizar um festival. Horas depois, no começo da noite, todos os homens haviam sido presos pelo NKDV. Às mulheres foi permitido levar uma pequena bagagem e todos, homens, mulheres, crianças e idosos, foram direcionados a trens que tinham o propósito de transportá-los para a Sibéria e outras localidades da Ásia central, como o Cazaquistão. (JAIMOUKHA, 2005, p.60). Neste traslado, as pessoas eram submetidas a situações insalubres, sofrendo com epidemias de doenças, sobretudo, como a febre tifóide. Além disso, era proibido de prestar assistência aos enfermos e muitos foram mortos no caminho. Suas antigas vilas foram queimadas, nomes de ruas trocados e tudo pelo que antes se havia lutado, foi soterrado na intenção de acabar, mais uma vez, com a resistência vainakh na região (AVTORKHANOV, 1992, p.186). Os sobreviventes deste episódio passaram a viver, pelos próximos doze anos, em campos de assentamento, onde o povo vainakh sofreu restrições, tentando manter suas tradições. (JAIMOUKHA, 2005, p.61). Além de chechenos e inguches os povos balkar, karachai e tártaros da Crimeia também sofreram deportações. Devemos atentar para o fator da prática do islamismo, que durante todo esse processo ajudou a manter a unidade vainakh e a conexão das populações com sua terra de origem (Ibidem).

5 – Colocações finais

As deportações de Chechenos e Inguches, em 1944, podem ser avaliadas também como a realização de um projeto expansionista que foi começado pelo Império Russo, desde o final do século XVII e finalizado pela União Soviética no final da Segunda Guerra Mundial. Porém,



do ponto de vista histórico, tal afirmação seria inadequada.

A Catarina II, ‘a Grande’, deu início ao movimento de expansão a partir do deslocamento das fronteiras da Rússia para as bordas da Eurásia, a fim de ganhar território e, desta maneira, proteger o heartland russo das invasões. Contudo, esta expansão baseava-se em considerações estratégicas e econômicas que permeavam ações militares e as de política externa. Isto é, além de ser uma região fronteira, o Cáucaso marcava o limite sul entre a Europa e a Ásia, onde a Rússia era desafiada pelo Império Otomano e a Pérsia.

Ao passo que guerras russo-otomanas e russo-persas se multiplicavam, crescia a oposição e a resistência na região do Cáucaso devido à incompatibilidade entre interesses da dominação imperial e independências dos povos que viviam na região, agindo amiúde de suseranos para diferentes impérios que cobiçavam a região. Mas eles, os povos montanheses, não se rendiam facilmente e pagavam com suas vidas pela manutenção da liberdade, das estruturas e instituições político-sociais próprias.

No entanto, a região da Ciscaucásia, ou o Cáucaso do Norte, onde se deflagrou a Guerra do Cáucaso (1817-1864), ficou cercada pela expansão caucasiana do Império Russo, nos seus conflitos com o Império Otomano e a Pérsia. Portanto, a guerra perdeu a sua conotação expansionista e adquiriu uma dimensão estratégica, devido a esta mudança no cenário geopolítico. O Cáucaso do Norte foi conquistado a duras penas, com um grande derramamento de sangue dos dois lados.

No entanto, o domínio da Rússia sobre o Cáucaso do Norte alimentou sentimento de



oposição e de resistência, que se manifestou na memória histórica e na insubmissão frequente destes povos ao exercício do poder imperial. No período soviético, quando os povos da Rússia experimentaram a emancipação étnica e nacional, o governo soviético deparou-se com novas manifestações de insubmissão e de revolta, provocadas, principalmente, pela coletivização forçada, pelas repressões políticas e pela prática de ateísmo e de perseguição da religião muçulmana. A propaganda soviética, sobretudo, antes e durante a Segunda Guerra Mundial, indicava para tendências nacionalistas e antissoviéticas na região. Por serem antissoviéticas, representavam barreiras para a concretização dos ideais comunistas e foram combatidas por meio da força militar e também por prisões, exílios e deportações.

Com a aproximação e o início da Segunda Guerra Mundial, deportações e internações tornaram-se uma praxe, acometendo diversos povos em diferentes países, cujas comunidades ficaram reféns do conflito mundial, dependendo das alianças em que os países participavam. Sem entrar em comparações, deve ser ressaltado que a União Soviética foi que recorreu em grande escala à prática de deportação contra vários povos, como alemães do Volga, tártaros da Crimeia, turcos, kalmykes, carachai, balkares, poloneses, lituanos, gregos e outros. Porém, a deportação de quase meio milhão de chechenos e inguches em 1944 aponta para a relação com a Guerra do Cáucaso, cuja memória histórica ressurgiu quase um centenário depois. Não seriam, as deportações de 1944, um crime de genocídio contra o povo vainakh? Não seriam as tentativas de levar todo um povo ao esquecimento, a partir de uma política violenta que causou inúmeras mortes de pessoas, e de passar a esponja sobre sua história, como, por exemplo, o derrubamento de instituições, costumes e tradições da identidade vainakh? Estas tentativas, do período soviético, de tirar destes povos inteiros a sua identidade nacional, sujeitando-os à deportação e ao longo exílio, por terem se resistido ao domínio russo e soviético, encontram

a sua explicação na política das repressões stalinistas dos anos 30-40 e no inferno da guerra mundial, mas não o perdão das gerações perecidas e da humanidade.

A população vainakh sofreu e resistiu, de 1944 até 1956, preservando o seu povo da extinção e voltando a resgatar as suas história e memória. O restabelecimento dos direitos territoriais do povo aconteceu, logo depois do início do “degelo” na União Soviética, no governo Krushev. Em 1957 a República Autônoma Chechênia-Ingushétia foi restabelecida no âmbito da Federação da Rússia. E foi somente em 26 de abril de 1991 que aconteceu a redenção deste povo, quando a Federação da Rússia aprovou a lei sobre a reabilitação dos povos-vítimas de repressões, reconhecendo, em termos legais, que a deportação dos povos foi “o genocídio e ataques caluniosos” (ZAKON, 1991).

Bibliografia:

ANCHABADZE, George. **The Vainakhs (The Chechen and Ingush)**. Tbilisi: “Caucasian House”, 2001, 2009.

AVTORKHANOV, Abdurakhman & BROXUP, Marie Bennigsen. **The North Caucasus Barrier: The Russian Advance Towards the Muslim Worlds**. London: Palgrave Macmillan, 1992.

DROBIAZKO, S., KARASCTHUK, A. **Vostotchnyie legiony i kazatchii tchasti v vermachte**. Moskva: AST, 2000

Imam Shamil: the Mujahid and Sufi who Resisted an Empire. Disponível em: <http://www.hizb-australia.org/2016/11/imam-shamil-the-mujahid-and-sufi-who-resisted-an-empire/> .
acessado em 23 de Setembro de 2018.

JAIMOUKHA, Amjad. **The Chechens: A Handbook**. London: Routledge Curzon, 2005.

JEBIT, Alexandre A. **O Dilema do Novo Imperialismo Russo**. Política Externa (USP), São Paulo, v. 4, n.1, p. 115-131, 1995.

KHIZRIYEVA, Galina. **Oil Against Tradition in Chechnya and Ingushetia**. *Мир ислама. Pax Islamica*. № 1(2), 2009.

KLUCHEVSKY, V.O. **Kurs russkoi istorii**. Lektsia VXXXII. Disponível em https://www.gumer.info/bibliotek_Buks/History/Kluchevsk/_82.php acessado em 12 de setembro de 2019

POKROVSKY, M.N. **Diplomacy and Wars of Tsarist Russia in the Nineteenth Century**. London: Overseas Publications Interchange Ltd, 1991

ZAHRIYEH, Ehab. **The Caucasus: a Historical Challenge for Russia**. disponível em: <http://america.aljazeera.com/multimedia/2014/2/sochi-olympics-russiascaucasuschallenge.html> , acessado em 22 de setembro de 2018.

ZELKINA, Anna. **Islam and the Politics in the North Caucasus**. *Religion, State and Society*, Vol.21, Issue 1, 1993, p. 115-124.

Documentos:

Declaration of the Rights of the People[s] of Russia. November 2 (15), 1917. First English translation was published in *The Nation* on December 28, 1919 *A Documentary History of Communism*, compiled by Robert V Daniels, ©1985; I.B. Tairis & Co Ltd, London. Disponível em <https://www.marxists.org/history/ussr/government/1917/11/02.htm> , acessado em 10 de setembro de 2019

Treaty of Georgievsk. Disponível em <https://www.britannica.com/event/Treaty-of-Georgievsk> , acessado em 22 de Setembro de 2018.

Treaty of Gulistan. Disponível em <http://mfa.gov.az/en/content/809>, acessado em 22 de setembro de 2018.



Treaty of Turkmenchay. Disponível em <http://mfa.gov.az/en/content/810>, acessado em 22 de setembro de 2018.

Zakon RSFSR ot 26.04.1991, No. 1107-I. Disponível em: [https://ru.wikisource.org/ Закон_РСФСР_от_26.04.1991_№_1107-I](https://ru.wikisource.org/Закон_РСФСР_от_26.04.1991_№_1107-I), acessado em 10 de setembro de 2019